

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO – FESPSP
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FABCI**

Fabio Luiz Machado AFONSO

A influência cultural francesa na burguesia paulistana

São Paulo

Maio, 2013

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO – FESPSP
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FABCI**

Fabio Luiz Machado AFONSO

A influência cultural francesa na burguesia paulistana

Trabalho temático interdisciplinar baseado no conto *Atrás da Catedral de Ruão*, presente no livro *Contos Novos* de Mário de Andrade apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

Maio, 2013

*“A burguesia não tem charme nem é discreta
Com suas perucas de cabelos de boneca”*

(Cazuza)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. RELAÇÃO FRANCO – BRASILEIRA: PRIMEIROS CONTATOS.....	5
3. A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E OS FRANCESES	7
3.1 FRANCESES PRESTANDO SERVIÇOS E CONTRIBUINDO PARA A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA PAULISTANA	7
4. MÁRIO DE ANDRADE E O PANORAMA DA BURGUESIA PAULISTANA ATRAVÉS DO CONTO <i>ATRÁS DA CATEDRAL DE RUÃO</i>	10
5. CONCLUSÃO	14
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

1. INTRODUÇÃO

A identidade de um povo não pode ser construída baseada apenas em suas características próprias; o desenvolvimento das sociedades mostra a importância da relação entre os povos para a definição do seu caráter como nação.

O Brasil foi cenário de interações entre culturas diversas, possibilitadas pelo grande movimento imigratório. Entre os personagens dessas relações temos japoneses, italianos, alemães e franceses, sendo esses últimos o *corpus* deste trabalho, que buscará compreender a influência francesa no comportamento da burguesia paulistana.

Partindo de uma reconstrução histórica, a pesquisa se desenvolverá até confluir com a narrativa de *Atrás da Catedral de Ruão*, presente no livro *Contos Novos* de Mário de Andrade, onde finalmente a análise se aprofundará nas relações dos estratos sociais e irá expor o produto dessa interação.

2. RELAÇÃO FRANCO – BRASILEIRA: PRIMEIROS CONTATOS

Os primeiros relatos do contato de franceses com o Brasil remontam ao século XVI, a partir da instalação de uma colônia francesa, onde hoje fica a cidade do Rio de Janeiro, denominada França Antártica. Comandados pelo almirante francês Nicolas Durand de Villegagnon, cerca de 600 homens desembarcaram na baía de Guanabara em 1555.

O interesse principal da França Antártica, como esclarece Vasco Mariz era “(...) exclusivamente militar e comercial, isto é: construir uma forte base naval para dar apoio ao já intenso e lucrativo comércio entre os portos franceses da Mancha e a costa brasileira”. (MARIZ, 2013, p. 25). Porém, a disputa de interesses entre portugueses e franceses nesta região, somada a divergências religiosas, culminou no conflito liderado pelo governador português da Guanabara, Mem de Sá, que em 1560 bombardeou o forte francês Coligny. Mesmo mantendo resistência por um determinado período, os franceses são finalmente expulsos pelos portugueses em 1567. Ainda assim, as incursões francesas na costa brasileira continuaram de forma

clandestina, sustentando o comércio ilegal e o contrabando, principalmente de pau-brasil.

Com a fuga da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, sinais mais substanciais da influência francesa começaram a marcar a sociedade da época. Vale lembrar que a corte de Dom João VI veio para o Brasil patrocinada pela Inglaterra, que até então, era um dos maiores poderes econômicos do mundo. Contudo, o modo de viver dos portugueses instalados no Rio de Janeiro era completamente afrancesado, tanto que, alguns franceses já figuravam na corte prestando seus serviços, entre eles, modistas e cabeleireiros.

Poucos dias após a chegada da família real, Dom João VI decreta a abertura dos portos para as nações aliadas de Portugal; obviamente, nesse primeiro momento, a inimiga França estava excluída. O Rio de Janeiro torna-se definitivamente a capital administrativa da colônia e, com isso, inicia-se uma grande transformação social, com a inauguração de teatros, criação de bibliotecas e outros serviços para atender à corte e à população urbana que crescia impulsionada principalmente pela chegada de imigrantes, incluindo os franceses (FAUSTO, 2002).

Bastou pouco tempo para que, finalmente, em 1816, chegasse ao Brasil, comandada por Joachim Lebreton, a primeira missão francesa, composta por diversos artistas e arquitetos, entre eles, Jean-Baptiste Debret que retratou as paisagens e os costumes da corte em suas obras e foi fundamental para a inserção de novos conceitos artísticos no país.

É importante frisar que a influência francesa não se apresentou de forma generalizada. Lembremos que o Brasil até então não havia sido inteiramente desbravado. Com a abertura dos portos da colônia, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro foram os locais que mais estavam expostos ao contato com o estilo francês. No Rio de Janeiro, a sofisticação francesa estava por todos os lados, como atesta Emília Viotti da Costa: “No Rio de Janeiro o povo extasiava-se diante das vitrinas das casas de comércio francês, da Rua do Ouvidor, tantas vezes comparada pelos viajantes à Rua Vivienne em Paris” (COSTA, 2000, p. 283). Em Pernambuco, pode-se perceber a influência francesa através da imprensa local, com a publicação de periódicos como *O Carapuceiro*, que trazia no seu conteúdo dizeres como: “Tudo se quer à francesa” (FREYRE, 1940 apud COSTA, 2000, p 283).

3. A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E OS FRANCESES

O contato da província de São Paulo com culturas estrangeiras aconteceu sempre tardiamente. Se em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro o contato com os franceses aconteceu na primeira metade do século XIX, em São Paulo, essa interação só aconteceria a partir da segunda metade do século, já no período do Império. Como já apresentado, essas províncias por serem zonas portuárias tiveram um contato maior com os hábitos franceses e, além disso, tinham uma população numerosa e com maior poder aquisitivo, diferenciando-se da pequena e isolada província de São Paulo.

Este panorama de isolamento não só físico, mas também cultural, da província paulistana se modifica principalmente com o desenvolvimento do comércio do café e, conseqüentemente, com a melhoria nos meios de transporte (COSTA, 2000). O marco da presença francesa em São Paulo se fez através do negociante Anatole Louis Garraux que, em 1860, deu início às atividades da Casa Garraux, muito bem descrita por Emília Viotti como sendo: “livraria, tipografia, depósitos de vinhos, de guarda-chuvas, objetos de artes, etc., e que durante muitos anos desempenhou papel de importante difusor da cultura francesa” (COSTA, 2000, p. 284). A Casa Garraux não se restringia apenas à atividade comercial, era também um importante ponto de encontro para discussões dos intelectuais da época.

3.1 FRANCESES PRESTANDO SERVIÇOS E CONTRIBUINDO PARA A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA PAULISTANA

Uma característica interessante da imigração francesa é o fator da individualidade. Ao contrário do movimento imigratório de outros povos, os franceses geralmente percorriam seus caminhos sozinhos, ou, no máximo, com outro membro da família e era muito rara a imigração de famílias inteiras. Chegando em terras paulistanas, desempenhavam funções primárias, artesanais, atuando como padeiros, ourives, sapateiros, modistas, cabeleireiros etc. Um anúncio do jornal *Correio Paulistano*, de 30 de janeiro de 1875, nos mostra a realidade dos franceses recém-chegados à província paulistana:

Um francez chegado ultimamente a esta cidade deseja empregar-se em casa de pequena família. Possui bons attestados e tem boa conducta: quem precisar de seus serviços, quer como cocheiro, quer como cosinheiro, póde dirigir-se à padaria franceza, rua do Palácio.

Os periódicos da época são importantes fontes de informação para se compreender a sociedade na São Paulo, da segunda metade dos oitocentos. Os jornais traziam muitos anúncios referindo-se à França. Podiam ser comerciantes brasileiros que importavam diversos produtos, ou franceses natos aqui instalados que traziam novidades para seus consumidores. Em anúncio de 26 de abril de 1873, o alfaiate francês Ernest Deschamps, anunciava aos seus clientes:

Acaba de chegar de França com um grande e variado sortimento de fazendas as mais rica, que há, como elasticotine, taupeline, e pannos pretos, azul, e de côr de rapé, muito superiores, casimiras pretas e de côr, muito encorpadas, pannos pilotos de diferentes gostos para sobretudos casimiras de cores para costumes, os mais modernos (...) Faz-se paletots de casimira e amazonas para senhoras, na ultima moda de Paris (...).

Outro comerciante, Pedro Chiquet, no ramo das joias anunciava à sua clientela no *Correio Paulistano* de 10 de janeiro de 1872: “Vende-se chegado em direitura de Paris um lindo sortimento de jóias com brilhantes, ricas jóias e phantasia com pedras finas, em meios adereços, broches, brincos, cruces modernas, medalhões, correntes de ouro, platina, de prata e plaquê (...)”.

No campo da beleza e dos cuidados pessoais, Bossignon Francisque anunciava em 04 de maio de 1873 no *Correio Paulistano* as novidades de seu *Salão Parisiense*:

(...) Aproveita esta occasião para chamar a atenção de todos sobre o seu imenso sortimento de perfumarias as mais finas que existem; sortimento que não tem igual nesta provincia. Especialidade de cabellos postiços para senhoras e para homens. Flores artificiaes para casamentos. Penteados á ultima moda (...).

Boticas e farmácias também apresentavam seus produtos milagrosos “reconhecidamente eficazes na França” como elixires que curavam qualquer moléstia. Um sabão sulfurado prometia além de cuidar da beleza da pele, curar qualquer enfermidade cutânea na edição do *Correio Paulistano* de 08 de maio de 1873:

Goza este afamado sabão da mais alta fama em todos os paizes do mundo, só em França mais de cem mil pessoas devem-lhe annualmente a saude, alem disso constitue meio seguro de conservar e embellesar a pelle . Faz desaparecer impingens, efflorescencias, borbulhas, comichões, pannos, espinhas e outras erupções cutaneas.

A medicina na São Paulo do Império também tinha suas particularidades. Os médicos não eram especializados, assim, tratavam as doenças de forma generalizada, como podemos comprovar: “De fato o médico tinha que saber e tratar do corpo como um todo. No entanto, podia elucidar em que parte tinha maior conhecimento e experiência” (BIVAR, 2008, p. 169).

Os dentistas instalados em São Paulo, podiam vir diretamente da França ou brasileiros que lá se formavam. Para tanto, nos dois casos era necessário o reconhecimento da formação pela Faculdade do Rio de Janeiro, o que, além da legalização, rendia também reconhecimento por parte da população, ou seja, era um fator que garantia prestígio. Não rara também era a repentina mudança de ocupação, principalmente dos franceses que chegavam ao Brasil. Um francês que tinha a ocupação de ourives, na França, aqui chegando, subitamente era transformado em dentista, tornava-se aprendiz ao trabalhar para outro profissional reconhecido (BIVAR, 2008).

Em 29 de janeiro de 1870, o dentista Dr. Samuel F. da Costa Mesquita, informava: “(...) formado e aprovado pela faculdade de medicina de Paris e do Rio de Janeiro, trata unicamente de molestias da bocca (...)”, no mesmo anúncio complementava : “(...) aos pobres opera gratuitamente a toda hora do dia (...)”.

Os franceses em São Paulo também foram importantes na transformação do espaço geográfico da cidade. A construção do Viaduto do Chá foi idealizada em

1877 por um francês, Jules Martin. Outros estiveram à frente de obras e serviços importantes como a implantação de um sistema de iluminação a gás, proposta pelo agente consular da França, Afonso Milliet, em 1847, ou, então, na implantação dos serviços de transportes. A Estrada de Ferro Sorocabana tinha como engenheiro responsável Eusébio Stevaux; outro francês, Willian Burnett, era secretário da Companhia de Bondes do Tremembé (BIVAR, 2008).

4. MÁRIO DE ANDRADE E O PANORAMA DA BURGUESIA PAULISTANA ATRAVÉS DO CONTO *ATRÁS DA CATEDRAL DE RUÃO*

Concluído após anos de maturação e publicado postumamente em 1947, *Contos Novos* de Mário de Andrade é considerada uma obra de grande valor, que revela toda genialidade do autor modernista. O livro composto por nove contos nos apresenta um Mário de Andrade mais refinado, com textos mais elaborados e profundos. Maria Célia de Almeida Paulillo, em seu prefácio ao livro, refere-se à obra como “(...) um profundo mergulho na realidade social e psíquica do homem brasileiro.” (PAULILLO, 1996, p. 9).

A maioria dos contos constroem um diálogo entre o aspecto social e o aspecto psicológico, em maior ou menor grau de relevância. Características das relações e conflitos sociais podem ser observadas nas narrativas de *O Poço* e *Primeiro de maio*. Ainda que o mote social seja muito evidente nessas duas narrativas mencionadas, Mário de Andrade não deixa de valorizar a densidade psicológica dos personagens, dando oportunidade a observações complexas, por meio de pontos de vista múltiplos.

A presente pesquisa sobre a influência francesa na burguesia paulistana está alicerçada sobre o quarto conto presente em *Contos Novos*, intitulado *Atrás da Catedral de Ruão*. Em um primeiro momento, o leitor menos atento pode reduzir a narrativa apenas aos aspectos psicológicos da repressão sexual da professora Mademoiselle, sem se ater aos mecanismos que moldaram o panorama social na cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX.

O enredo de *Atrás da Catedral de Ruão* é composto exclusivamente por personagens femininos: Mademoiselle, a solteirona virgem e puritana que sofre com sua sexualidade reprimida, é professora das adolescentes ricas Alba e Lúcia, filhas de Dona Lúcia, a burguesa que foi abandonada pelo marido.

Para analisarmos a sociedade da época, Mário de Andrade nos deixa pistas sutis do panorama social e econômico paulistano e sublinha a influência francesa no modo de viver de seus personagens. O pano de fundo da história retrata a cidade de São Paulo em pleno desenvolvimento industrial, que abandonava definitivamente a vocação agrícola dos barões do café para tornar-se um grande centro de consumo comandado pela burguesia.

Inserido neste contexto de luxo e ostentação, o estilo de vida abastado da família de Dona Lúcia fica muito bem caracterizado em algumas passagens do conto. Mesmo abandonada pelo marido e com duas filhas para criar, a matriarca era muito bem relacionada nos meios sociais e políticos:

Dona Lúcia embarcara na onda que lhe trazia um gasto novo de volúpias. Tinha parente importante no P.D e nessa tarde, pela primeira vez em sete anos, os salões dela se abriam para o 'cocktail' aos chefes do Partido. (...) Fazia questão de se apresentar ornada de resultados, bem matrona, imponente (...) (ANDRADE, 1996, p. 52).

Vale destacar a observação de Vilma Arêas sobre o comportamento fútil da burguesia, especificamente o comportamento da família de Dona Lúcia, quando sublinha o "(...) esbanjamento desnecessário, vida familiar estruturada na mera representação (...)" (ARÊAS, 2012, p. 129).

Podemos, em outros momentos, perceber o retrato burguês, dessa vez nas adolescentes Alba e Lúcia, por meio das quais o narrador nos relata a vida quase nômade das meninas, sempre envolvidas em viagens pela Europa: "Lúcia e Alba estavam quase moças, dezesseis e quinze anos desenvoltos, que a viagem desbastara demais, jogadas de criada em criada, de colégio em colégio, de língua em língua (...)" (ANDRADE, 1996, p. 44) ou ainda no trecho: "Além do inglês e do

alemão voltavam falando um francês bem mais moderno e leal que o da professora (...)” (ANDRADE, 1996, p. 44). Vanessa Bivar nos leva a compreender esse comportamento burguês quando apresenta a seguinte afirmação:

A maior parte dessas famílias era vinculada culturalmente à França para onde empreendiam viagens e mandavam seus filhos com o fito de estudar, porque na ótica burguesa – impregnada na própria burguesia francesa – o sucesso da linhagem na perpetuação da família era imprescindível. (BIVAR, 2008, p. 183).

Um aspecto importante apresentado no conto é o contexto da educação francesa no Brasil, representado pela personagem da professora Mademoiselle. Era muito comum a contratação de professores para lecionar as matérias básicas do currículo e ainda servirem de companhia para os filhos da alta sociedade; sendo assim, os professores desempenhavam importante papel na formação acadêmica e assumiam também a responsabilidade da família na criação dos filhos da burguesia. O personagem de Dona Lúcia apresenta a transferência de suas responsabilidades quando “(...) prefere se meter em obras de caridade a cuidar das filhas (...)” (ARÊAS, 2012, p. 129). Outra passagem que reforça a transferência de responsabilidades para os educadores se apresenta no trecho onde o narrador registra a necessidade de uma acompanhante para Lúcia e Alba: “As meninas estavam mocinhas, carecendo mesmo de alguém, quase uma preceptora que as acompanhasse em festas, visitas, lhes tomasse conta da educação” (ANDRADE, 1996, p. 45).

Frente a isso, o desdobramento da educação está no uso da língua francesa, muito difundida na cidade de São Paulo, desde a metade do século XIX, por seus imigrantes. A literatura consumida no Brasil, e sobretudo, em São Paulo, também contribuiu para a disseminação do idioma, visto que a maioria dos livros vinha da França.

Mário de Andrade se utiliza do idioma francês em *Atrás da Catedral de Ruão*, mas de forma muito peculiar. Embora o bilinguismo se apresente como recurso estilístico no conto, como podemos atestar no artigo *Mademoiselle e o desejo*

(ARÊAS, 2012), a língua francesa estava agregada a valores sociais, criando um abismo, que separava ricos e pobres, como afirma Emília Viotti da Costa:

A influência pois, da língua e literatura sob a forma de livros, jornais e revistas a favor da irradiação da cultura francesa entre nós, foi enorme. Franceses eram os compêndios em que se estudava, os romances que se liam, os filósofos que orientavam os conceitos; os livros técnicos de medicina, direito ou arquitetura, onde ia o intelectual buscar inspiração, francesas as revistas e mesmo alguns jornais. Não podemos esquecer, entretanto, que a ação desses agentes: livros, jornais e revistas, por mais difundida que tenha sido, esteve sempre circunscrita a um grupo relativamente limitado de pessoas – de uma certa cultura, a elite – não exercendo grande influência sobre a massa do povo. (COSTA, 2008).

Se por um lado, a personagem de Mademoiselle é detentora de cultura e valores europeus tão desejados pela burguesia, por outro ângulo, ela também representa um grupo de imigrantes em condições sociais menos favorecidas. Como já apresentado anteriormente, ela representa toda uma classe de imigrantes franceses que vieram em busca de oportunidades no Brasil. O fato de ser rotulada como um “produto” europeu, apesar de todas as suas qualidades, não lhe garantia uma situação financeira confortável.

É curioso observar a relação social entre a burguesia e a classe de imigrantes trabalhadores, dentro da construção da narrativa. Em determinado trecho do conto, Mademoiselle revela, talvez inconscientemente, em palavras, sua condição hierárquica dentro daquela família abastada: “Mademoiselle fora das primeiras pessoas que visitaram as recém-chegadas. Tivera um surto inadequado de lágrimas que até divertira as meninas. Se abraçara muito com elas, soluçando ‘mes PAUVRES enfants!’”, com ênfase no ‘pauvres!’” (ANDRADE, 1996, p. 45). Ao contrário da afirmação de Mademoiselle, as meninas Lúcia e Alba de “pobres crianças” não tinham absolutamente nada, a “pobre criança” dessa narrativa toda é a própria Mademoiselle que “(...) já tinha trinta anos feitos no Brasil (...)” e sobrevivia “(...) naquela vida mesquinha de lições e pão incerto (...)” (ANDRADE, 1996, p. 44).

Outro aspecto importante da narrativa, acerca da realidade social dos imigrantes, está no retrato do dia a dia, mostrando o contraste dos palacetes dos bairros nobres com as pensões do centro de São Paulo. Mademoiselle vivia em uma pensão dessas, como vemos: “(...) enquanto o bairro dorme em paz burguesa” ela chega “(...) à porta da sua pensão” (ANDRADE, 1996, p. 54 e 52).

Através dessas poucas informações, Mário de Andrade nos leva a compreender a realidade dos franceses, em São Paulo. Apesar de serem considerados os detentores da elegância e da erudição, na maioria das vezes, a realidade paulistana não fazia jus à suas qualidades europeias. Os franceses que chegavam a São Paulo, encontravam muitas vezes o subemprego, a submoradia, recebendo como pagamento por sua contribuição as migalhas de uma burguesia endinheirada.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento dessa pesquisa mostrou a importância da influência francesa no Brasil e, em um segundo momento, os traços que imprimiram suas características na construção da sociedade paulistana.

Os valores culturais franceses agregados à realidade da cidade de São Paulo podem parecer um tanto óbvios quando observamos apenas suas contribuições no campo das ideias, na moda, no comércio, na literatura, na educação e na prestação de serviços de um modo geral. Porém, por meio de uma análise mais detalhada de *Atrás da catedral de Ruão* seria demasiadamente simplista reduzir essa interação apenas aos aspectos da contribuição cultural. Pouco a pouco, a realidade que se descortina no enredo nos leva a detectar o contraste social entre a burguesia e o imigrante francês.

Comete-se engano ao acreditar que os imigrantes franceses, por conta de sua formação cultural muito diferenciada, conhecidos por sua erudição e requinte, fossem parte de uma camada abastada financeiramente. O que a pesquisa pôde comprovar é que em sua maioria esses franceses chegavam ao Brasil em busca de

oportunidades de trabalho e, por que não, ascensão financeira. Aqui, desempenhavam seus ofícios como sapateiros, alfaiates, ourives, entre outras atividades que lhes garantiam a sobrevivência sem qualquer tipo de glamour. São Paulo mostrou-se um terreno propício para as necessidades dessa gente, principalmente por conta do grande desenvolvimento da cultura cafeeira, que resultou no nascimento de uma burguesia local sem tradição cultural e sedenta de *status* e que foi amplamente beneficiada pela interação com os franceses.

Mário de Andrade é contemporâneo dessa influência na cidade de São Paulo: foi educado e dominava muito bem o idioma francês. O seu contato com as vanguardas europeias possibilitou um distanciamento do olhar da cultura brasileira, para depois debruçar-se sobre nossa realidade e buscar nossa verdadeira identidade. Desde o livro *Pauliceia Desvairada* de 1922, especificamente em *Ode ao Burguês*, o autor ridiculariza e crítica a hipocrisia da sociedade burguesa paulistana, de forma muito direta e sem vieses.

Embora mais sutil, no conto *Atrás da Catedral de Ruão*, o autor continua a colocar o dedo na ferida da burguesia, quando mostra a futilidade e o vazio da vida de Dona Lúcia e suas filhas, em contraposição à vida praticamente serviçal e miserável de Mademoiselle que se submete para garantir a sobrevivência. Esta certamente é a maior crítica do autor: uma sociedade burguesa que subjuga e explora o imigrante, absorvendo dele todos os aspectos positivos de sua riqueza cultural; e essa mesma burguesia não assume suas raízes, o seu “eu brasileiro” e se esconde atrás de uma máscara, mimetizando costumes e hábitos europeus simplesmente para ostentar e garantir *status* social.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. 16ª Ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.

ARÊAS, Vilma. Mademoiselle e o desejo: (conversando com Luiz Dantas). **Novos estud.** - **CEBRAP**, São Paulo, n. 92, mar. 2012 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 abr. 2013.

BODSTEIN, Vanessa Dos Santos. **Vivre à St. Paul**: Os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista. 2008. 384 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-14052008-151916/pt-br.php>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

COSTA, Emília Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. **Revista de História**, São Paulo, n. 142-143, p.277-308, 2000. Disponível em: <http://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18903/20966> Acesso em: 31 mar. 2013.

FAUSTO, Boris. O Brasil Colonial: Movimentos de Rebeldia e Consciência Nacional. In: **História Concisa do Brasil**. 1ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 62-74.

MARIZ, Vasco. O almirante francês da Guanabara. **História Viva**, São Paulo, n. 115, p. 24-29, maio 2013.

PAULILLO, Maria Célia de Almeida. Contos da Plenitude. In: ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. 16ª Ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996. p. 9-18.

TAVARES, Luiz F. F.. Os egressos da França Antártica. **História Viva**, São Paulo, n. 115, p. 31-35, maio 2013.

Anúncios comerciais do jornal *Correio Paulistano*, acessados em 03 de maio de 2013 a partir da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital:

Gabinete de Cirurgia Dentaria, 29 de janeiro de 1870, p. 4 – Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&PagFis=65

Joias Brilhantes, 10 de janeiro de 1872, p. 4 – Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&PagFis=2182

Avizo Ernest Deschamps, 26 de abril de 1873, p. 4 – Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&PagFis=3619

Mudança, 04 de maio de 1873, p. 4 – Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&PagFis=3652

Sabão Sulphoroso, 08 de maio de 1873, p. 3 – Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&PagFis=3664

Sem Título, 30 de janeiro de 1875, p. 3 – Disponível em:
http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_03&PagFis=5671